Impactos iniciais do conflito no Oriente Médio sobre a balança comercial

Este boxe avalia os desdobramentos iniciais do conflito no Oriente Médio sobre a balança comercial brasileira. Primeiramente, investiga-se o impacto sobre as exportações líquidas de petróleo e derivados, que já apresenta alguma elevação entre março e maio. Em seguida, discute-se a importância relativa do Oriente Médio como destino das exportações brasileiras, indicando que sua relevância é baixa no agregado, mas expressiva para produtos específicos. Por fim, analisa-se o impacto sobre a importação de fertilizantes, em especial os nitrogenados, cujo efeito sobre a produção e a exportação de grãos brasileiros depende da origem e do momento de entrada dessas importações.

A eclosão do conflito no Oriente Médio no fim de fevereiro impactou as condições financeiras globais, as cadeias de produção e os fluxos de comércio internacional. Conforme destacado no boxe de projeção das contas externas do Relatório de Política Monetária (RPM) de março, já eram esperados impactos sobre a balança comercial brasileira, especialmente em razão da perspectiva de preços mais elevados para o petróleo. Este boxe aprofunda a análise dos principais desdobramentos do episódio sobre o saldo comercial do país até o momento. Para isso, são considerados três canais de transmissão dos efeitos do conflito sobre a balança comercial. O primeiro, já mencionado e mais relevante, ocorre por meio da balança comercial de petróleo e derivados, que deve ser favorecida pelo maior preço da *commodity*. O segundo, referente às exportações diretas para o Oriente Médio, tende a reduzir o saldo comercial, embora de forma limitada, em razão da baixa participação da região como destino das exportações brasileiras. O terceiro diz respeito à importação de fertilizantes, dado que o Oriente Médio é um dos fornecedores desse insumo para o Brasil.

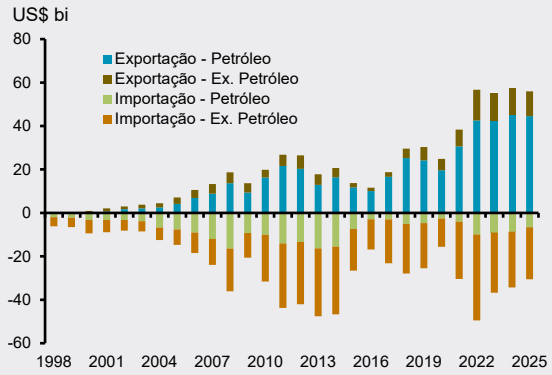
Balança comercial de petróleo e derivados

O Oriente Médio concentra grande parte da produção mundial de petróleo, e o Estreito de Ormuz é uma rota estratégica para o escoamento do produto.[1] Assim, do ponto de vista estritamente econômico, a primeira repercussão visível após a eclosão do conflito se deu sobre os preços do petróleo no mercado internacional.[2] O impacto potencial desse movimento sobre a balança comercial brasileira pode ser dimensionado por meio da balança comercial de petróleo e derivados, ou seja, do saldo comercial decorrente das exportações e importações desses produtos.

O Brasil é superavitário no comércio internacional de petróleo e seus derivados[3] desde 2018, principalmente pelo crescimento das exportações de petróleo bruto, que se consolidaram acima dos US$40 bilhões desde 2022 (Gráfico 1). Embora tenha se tornado exportador líquido desse produto, produzindo mais do que consome em termos totais, o Brasil continua importando petróleo e derivados, notadamente diesel.

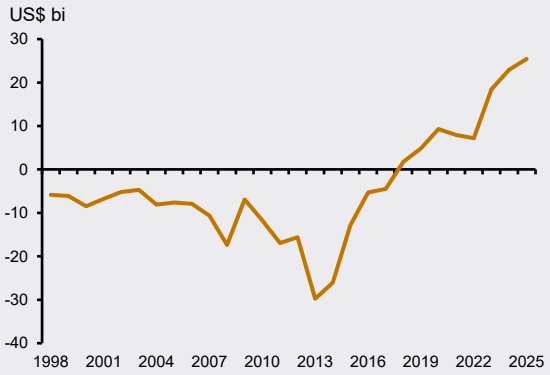
1/ Segundo a International Energy Agency (IEA), o Oriente Médio respondeu por aproximadamente 30% da produção global de petróleo em 2024, e cerca de 34% do comércio global de petróleo bruto passou pelo Estreito de Ormuz em 2025.
2/ O preço do petróleo *Brent*, que estava abaixo de US$70 no primeiro bimestre do ano, superou US$100 na média dos meses de março a maio.
3/ Inclui gás natural.

Gráfico 1 – Balança comercial de petróleo e derivados



Fonte: Secex/MDIC

Gráfico 2 – Saldo da balança de petróleo e derivados

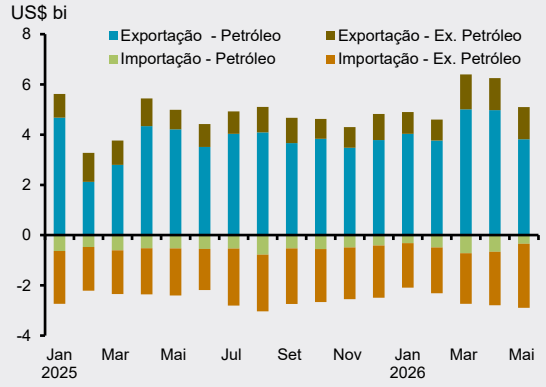


Fonte: Secex/MDIC

Em 2025, o saldo foi superavitário em US$25 bilhões (Gráfico 2), resultado de US$56 bilhões em exportações e US$31 bilhões em importações. Em uma conta simples, tais dados indicam que, em relação a 2025, um aumento de 10% no preço internacional do petróleo e seus derivados, tudo o mais constante, teria um impacto positivo final de US$2,5 bilhões anuais, cerca de 0,1% do Produto Interno Bruto (PIB).[4] Como o petróleo *Brent* aumentou, na média entre março e maio de 2026, aproximadamente 50% em relação à média de 2025[5], essa conta simplificada indicaria um impacto positivo de US$12,7 bilhões (0,6% do PIB) em doze meses no saldo comercial, se mantidos os preços nesse patamar.

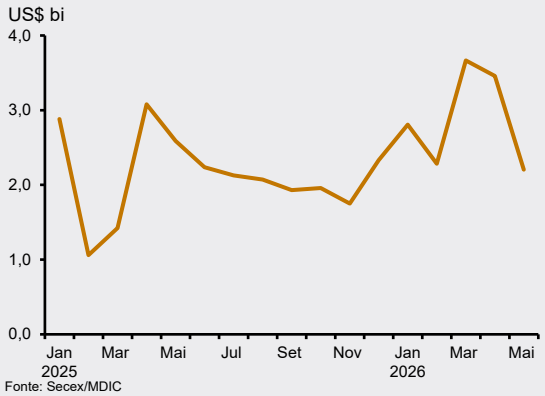
Contudo, a magnitude efetiva desse impacto depende de diversos fatores, incluindo a dinâmica dos preços relativos e as respostas dos agentes econômicos a essas variações. A análise da conta de petróleo em bases mensais (Gráficos 3 e 4) indica que houve elevação tanto do valor exportado (25%) quanto do valor importado (18,5%) no trimestre encerrado em maio, em comparação ao verificado no mesmo período de 2025. O saldo da balança de petróleo e derivados, que se situava em torno de US$2 bilhões mensais ao longo de 2025, ou US$2,4 bilhões na média de março a maio do ano passado, subiu para US$3,1 bilhões no trimestre correspondente de 2026, com impacto mais significativo no início do período. Esse aumento mensal médio de US$0,7 bilhão equivaleria a US$9,0 bilhões em doze meses, abaixo do sugerido pela conta simplificada descrita anteriormente.

Gráfico 3 – Balança comercial de petróleo e derivados



Fonte: Secex/MDIC

Gráfico 4 – Saldo da balança de petróleo e derivados



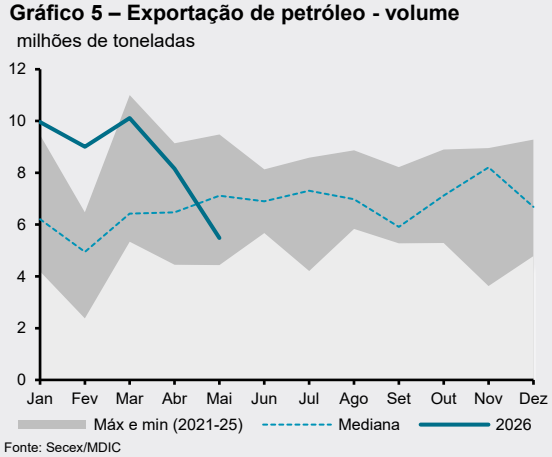
Fonte: Secex/MDIC

Os Gráficos 5 a 8 apresentam a decomposição dos valores de exportação e importação de petróleo em seus componentes de preço e volume. O aumento nos valores exportados e importados está diretamente associado ao movimento de preços, que registrou elevação rápida e significativa, em linha com o preço internacional do *Brent*. Em comparação ao mesmo período de 2025, os preços de exportação e importação cresceram 28%

4/ A conta assume, implicitamente, que a variação do preço internacional se transmite proporcionalmente aos valores exportados e importados, sob a hipótese de volumes constantes.
5/ As variações consideram o contrato futuro genérico do 1º vencimento do *Brent Crude* negociado na ICE, em US$ por barril.

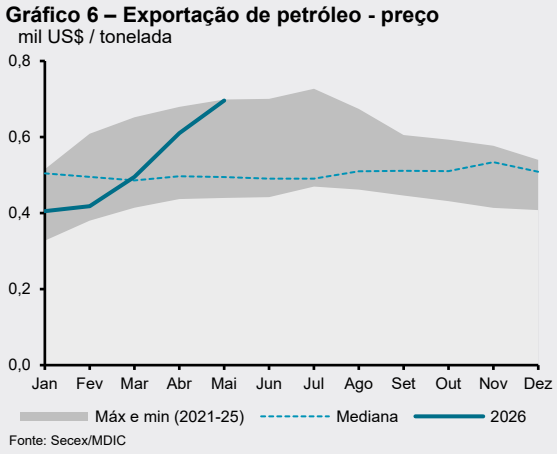
e 29%, respectivamente, na média do trimestre encerrado em maio, enquanto o *Brent* aumentou 51,5% no mesmo período. Houve, ainda, queda nos volumes exportado e importado.

Gráfico 5 – Exportação de petróleo - volume



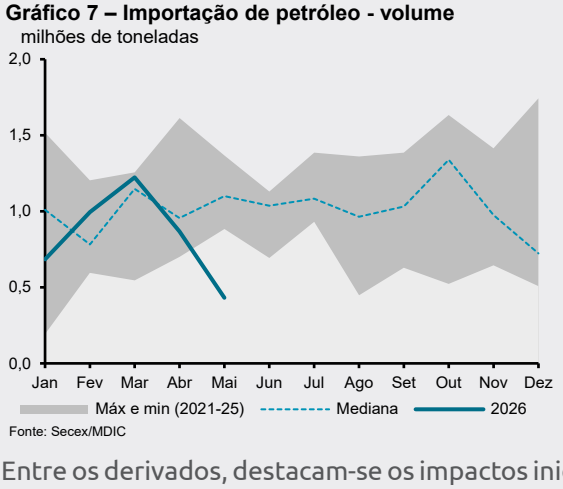
Fonte: Secex/MDIC

Gráfico 6 – Exportação de petróleo - preço



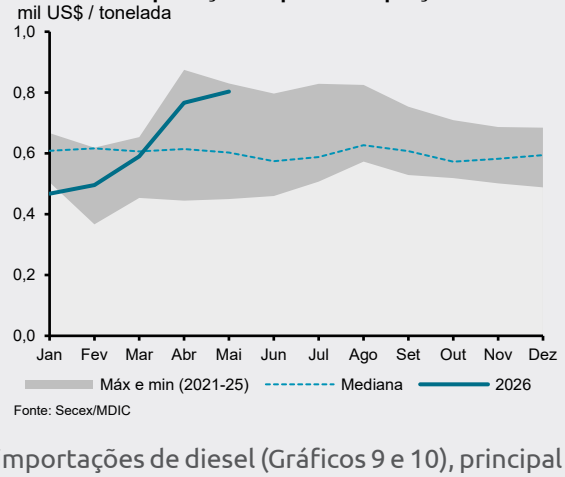
Fonte: Secex/MDIC

Gráfico 7 – Importação de petróleo - volume



Fonte: Secex/MDIC

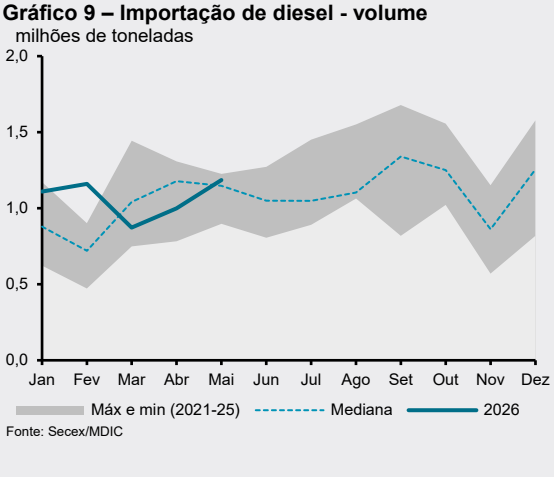
Gráfico 8 – Importação de petróleo - preço



Fonte: Secex/MDIC

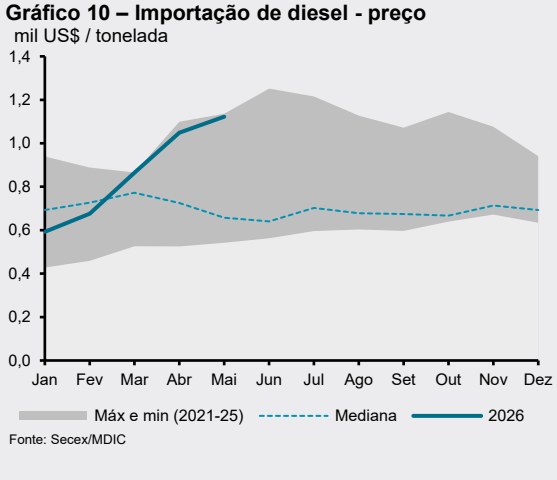
Entre os derivados, destacam-se os impactos iniciais sobre as importações de diesel (Gráficos 9 e 10), principal item importado[6]. Os preços subiram 64% no trimestre encerrado em maio, quando comparados ao mesmo período de 2025. Essa elevação é bastante superior à variação de preço do petróleo exportado, o que reduz o efeito líquido positivo da alta do *Brent* sobre a balança comercial. A assimetria entre essas variações ajuda a explicar por que a conta simplificada anterior não é plenamente corroborada pelos dados iniciais, uma vez que ela supõe transmissão proporcional aos preços de exportação e importação.

Gráfico 9 – Importação de diesel - volume



Fonte: Secex/MDIC

Gráfico 10 – Importação de diesel - preço



Fonte: Secex/MDIC

6/ Em 2025, as importações de diesel representaram 61% do valor importado entre os derivados de petróleo.

Em suma, o choque nos preços do petróleo tende a favorecer a balança comercial de petróleo e derivados, dado que o Brasil é superavitário nesse segmento. Observa-se impacto inicial positivo nos primeiros dados mensais disponíveis após o conflito, embora de magnitude mais moderada do que uma análise simplificada baseada nos dados de 2025 poderia sugerir. Isso porque a elevação dos preços do petróleo exportado foi inferior à observada nos produtos importados, especialmente no diesel, cujo encarecimento refletiu, entre outros fatores, a ampliação das margens de refino (*crack spreads*).

Exportações para o Oriente Médio

Para além dos impactos decorrentes do preço do petróleo e derivados, o Brasil mantém relações comerciais diretas com os países do Oriente Médio, região onde ocorre o conflito. Assim, algum impacto nas exportações destinadas a essa região é esperado. O Brasil exportou US$16,1 bilhões ao Oriente Médio em 2025, o equivalente a 4,6% do total exportado no ano[7] (Tabela 1) e 0,7% do PIB. Embora essa participação seja pouco significativa em termos agregados, a abertura da pauta exportada evidencia a importância desse destino para produtos específicos. A região absorve praticamente um terço do total exportado de carne de frango e milho pelo Brasil, sendo ainda um importante destino das exportações de açúcar.

Tabela 1 – Exportações brasileiras em 2025

US$ bilhões

Produto	Oriente Médio	Mundo	Oriente Médio (%)
Carne de aves	3,1	8,8	34,9
Milho	2,8	8,6	32,4
Açúcar	2,4	14,1	16,9
Minério de ferro	1,8	29,0	6,2
Carne bovina	1,2	16,6	7,1
Soja	0,9	43,5	2,1
Café	0,4	14,9	2,5
Ouro	0,3	6,6	5,2
Demais	3,3	206,2	1,6
Total	**16,1**	**348,3**	**4,6**

Fonte: Secex/MDIC

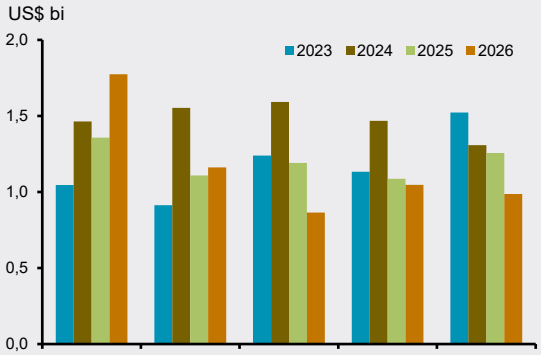
Dados de 2026 indicam que as exportações destinadas à região cresceram 19% no primeiro bimestre do ano, período imediatamente anterior ao início do conflito, na comparação com igual período de 2025 (Gráfico 11). No entanto, registraram queda de 18% (US$0,6 bilhão) no trimestre encerrado em maio, também em relação ao mesmo intervalo do ano anterior. Adicionalmente, março, abril e maio de 2026 corresponderam aos menores níveis de exportações para o Oriente Médio quando comparados aos mesmos meses dos anos recentes.

Embora desfavorável, esse movimento corresponde a fração reduzida das exportações totais. Mesmo nos meses iniciais do conflito, em que houve crise logística relevante na região, as exportações brasileiras foram preservadas em grande medida. O Oriente Médio é, conforme demonstrado, grande consumidor do milho brasileiro, e os embarques do produto são bastante concentrados no segundo semestre.[8] Assim, é de se esperar que possíveis efeitos negativos ainda não estejam plenamente estabelecidos ou sequer sejam sentidos em maior escala, a depender dos desdobramentos futuros do episódio.

7/ Para o cômputo das informações agregadas do Oriente Médio, considerou-se a soma dos dados referentes a Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Irã, Iraque, Omã, Bahrein, Israel, Jordânia, Líbano, Catar, Iêmen, Kuwait, Palestina e Síria.

8/ Em 2025, 83% do valor exportado de milho concentraram-se no segundo semestre. A disponibilidade de grãos depende da sazonalidade da cultura, bastante dependente da segunda safra.

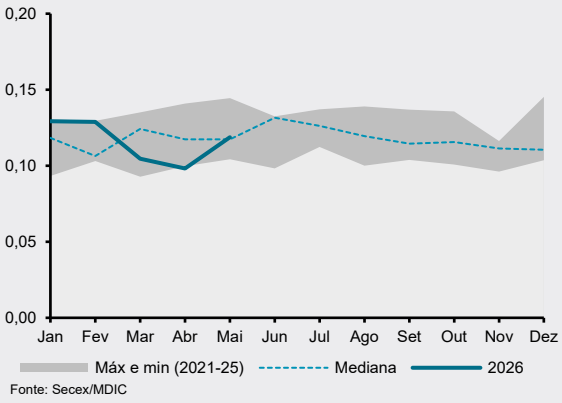
Gráfico 11 – Exportações brasileiras para o Oriente Médio



Fonte: Secex/MDIC

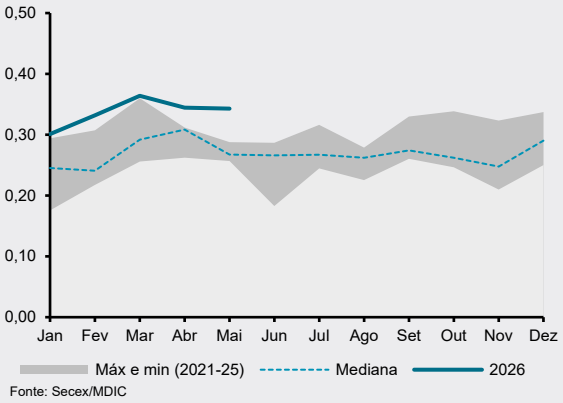
No tocante às exportações de carne de aves, os gráficos abaixo apresentam o *quantum* exportado, desagregando-o entre o Oriente Médio (Gráfico 12) e os demais países (Gráfico 13). Embora o volume exportado esteja em níveis elevados nas demais regiões, inclusive acima dos níveis máximos dos últimos anos, o *quantum* exportado ao Oriente Médio caiu de forma notável, particularmente em março e abril. As exportações para a região, situadas em torno de 130 mil toneladas em janeiro e fevereiro, tiveram média pouco acima de 100 mil toneladas no trimestre encerrado em maio. Em valores, as exportações passaram de US$259 milhões, em média, para US$220 milhões na mesma comparação.

Gráfico 12 – Exportação de carne de aves ao OM - volume



Fonte: Secex/MDIC

Gráfico 13 – Exp. de carne de aves aos demais países - volume



Fonte: Secex/MDIC

Por fim, cabe ressaltar que milho e carne de aves são largamente consumidos no mercado doméstico e que eventual redirecionamento de parte das exportações ao mercado local traria impactos econômicos para além da balança comercial, inclusive sobre preços.[9]

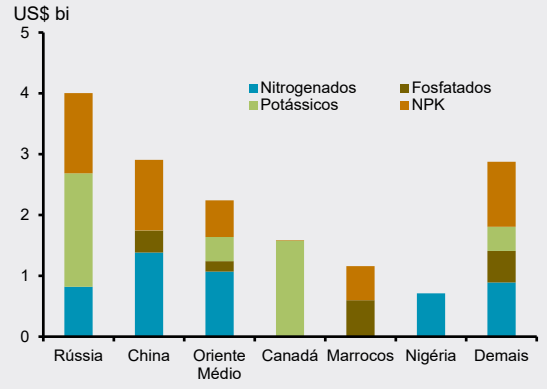
Fertilizantes

A análise das importações de fertilizantes no contexto do conflito no Oriente Médio é pertinente por diversas razões. O Brasil figura entre os maiores consumidores mundiais desse insumo, respondendo por 8% do consumo global. Além disso, mais de 80% desse montante consumido pelo Brasil é suprido por importações[10]. Em 2025, as compras externas brasileiras de fertilizantes totalizaram US$15,5 bilhões, cerca de 5% das importações totais e 0,7% do PIB. O insumo é importante para o setor agropecuário, que responde por cerca de 6% do PIB e tem sido o setor com maiores ganhos de produtividade nos últimos anos[11].

9/ Dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) e da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) indicam que o Oriente Médio é destino de aproximadamente 10% da carne de frango e do milho produzidos no país.
10/ Dados do Plano Nacional de Fertilizantes (PNF).
11/ Mais detalhes sobre a evolução da produtividade do trabalho podem ser encontrados no boxe Evolução recente da produtividade do trabalho, do RPM de março de 2026.

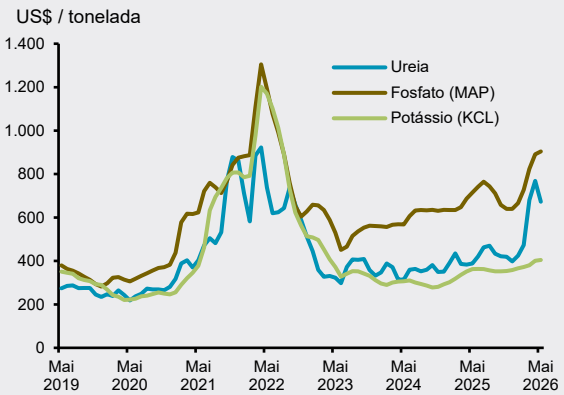
Do total importado de fertilizantes pelo Brasil em 2025, o Oriente Médio respondeu por 14,5%, percentual menor apenas que os da Rússia (25,9%) e da China (18,8%). A região assume papel particularmente relevante no comércio global de fertilizantes nitrogenados ao concentrar cerca de 34% do comércio global de ureia.[12] No caso brasileiro, os nitrogenados corresponderam a cerca de um terço das importações de fertilizantes em 2025, dos quais 22% tiveram origem no Oriente Médio (Gráfico 14). Essa decomposição é importante porque os preços dos fertilizantes nitrogenados, em particular, tendem a apresentar elevada correlação com os preços do petróleo, em razão do papel central do gás natural como insumo intermediário na produção.

Gráfico 14 – Importações brasileiras de fertilizantes em 2025



Fonte: Secex/MDIC

Gráfico 15 – Brasil - preço de importação de fertilizantes (CFR)

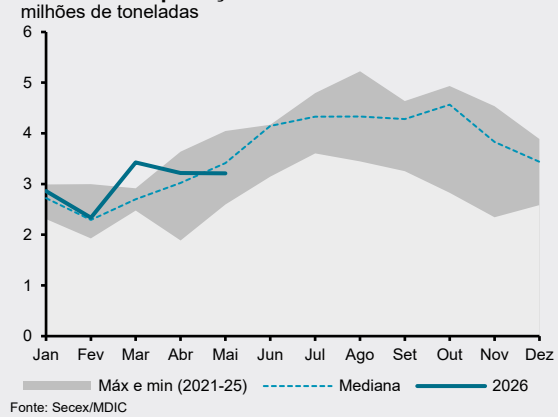


Fonte: Green Markets / Bloomberg

Os dados do Gráfico 15 demonstram que o preço de referência da ureia granular entregue no Brasil subiu 50% em maio em relação à média do primeiro bimestre do ano, com espraiamento para os preços do fosfato (29,7%) e, em menor medida, do potássio (9,7%). Essa elevação de preços tem potencial tanto para atenuar, no curto prazo, o impacto positivo do conflito na balança comercial quanto, no limite, para influenciar a produção e a exportação futuras de grãos.

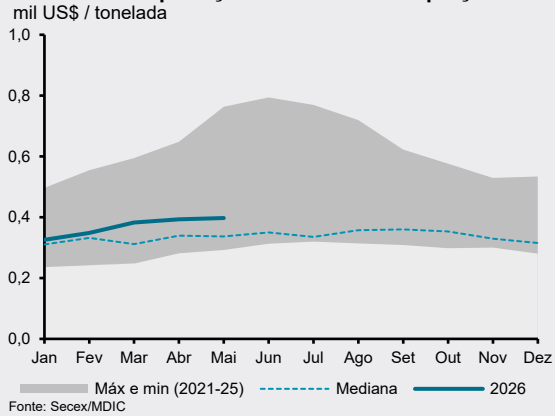
Esse potencial depende, em grande medida, do momento da importação do produto ao longo do ano, relacionado à sazonalidade das culturas no Brasil, especialmente a de grãos. A soja – cuja produção depende menos de fertilizantes nitrogenados – e o milho são plantados predominantemente no quarto trimestre, enquanto o milho de segunda safra – que representa mais de 75% da produção doméstica de milho – é semeado logo após a colheita da soja, principalmente no primeiro quadrimestre do ano. Essa característica implica que o volume importado de fertilizantes, sobretudo os nitrogenados, cresce de forma significativa no segundo semestre de cada ano (Gráficos 16 e 18). Nesse sentido, o choque econômico oriundo do conflito, iniciado no fim de fevereiro, ocorreu em um momento potencialmente menos adverso para as importações brasileiras de fertilizantes.

Gráfico 16 – Importação de fertilizantes - volume



Fonte: Secex/MDIC

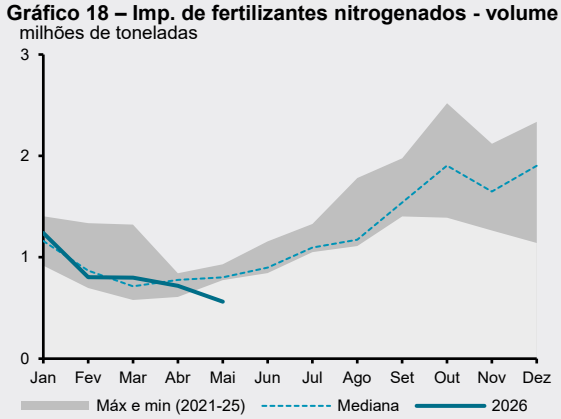
Gráfico 17 – Importação de fertilizantes - preço



Fonte: Secex/MDIC

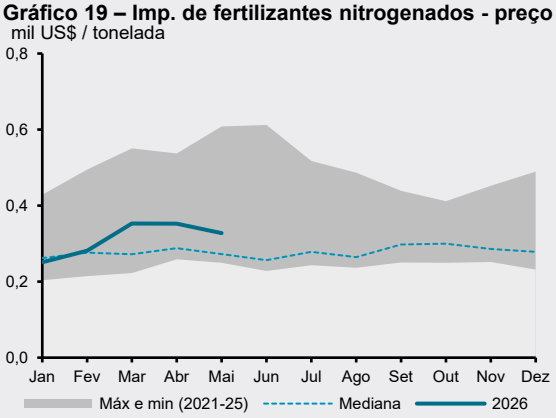
12/ Dados da International Fertilizer Association (IFA). Os fertilizantes minerais são classificados, de forma simplificada, em três grupos principais, conforme o nutriente predominante: nitrogenados, fosfatados e potássicos. A sigla NPK é comumente utilizada para designar fertilizantes formulados que combinam esses nutrientes. Já a ureia é um fertilizante nitrogenado amplamente utilizado na agricultura.

Gráfico 18 – Imp. de fertilizantes nitrogenados - volume



Fonte: Secex/MDIC

Gráfico 19 – Imp. de fertilizantes nitrogenados - preço



Fonte: Secex/MDIC

Portanto, o conflito deve ter impacto limitado na produção e na exportação de grãos deste ano, uma vez que grande parte dos fertilizantes necessários foi importada antes do conflito. No entanto, como a maior parte das importações de fertilizantes se concentra no segundo semestre, uma repercussão mais significativa pode ocorrer sobre a safra de grãos de 2027, a depender da duração do choque e de seus desdobramentos.

Conclusão

O choque econômico resultante do conflito no Oriente Médio tende a favorecer a balança comercial brasileira, e os efeitos iniciais positivos por meio de preços do petróleo já se fazem notar. Os impactos sobre as exportações diretas para o Oriente Médio também já parecem presentes, mas tendem a ser limitados, dado que os embarques para a região representaram apenas 4,6% do total exportado em 2025, e 0,7% do PIB. Algum efeito negativo mais pronunciado poderá ser sentido a partir do segundo semestre, quando se intensificam as importações de fertilizantes e a safra de milho tende a ser escoada rumo à região. Por fim, os efeitos descritos neste boxe são preliminares e sujeitos a revisão conforme evoluam os desdobramentos do conflito, podendo ser atenuados ou revertidos em caso de distensão, ou mesmo intensificados no cenário oposto.